

MODOS DE NARRAR: O EXEMPLO DE SHAKESPEARE ATACA DE NOVO, DE JOÃO MELO

THAMIRES DE CARVALHO MARCHEZINI¹; RAÍSSA CARDOSO AMARAL²;
ELLEM RUDIJANE MORAES DE BORBA³; ALFEU SPAREMBERGER⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – thami-marchezini@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – issa.amaral@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – ellemdsjb@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas, Orientador – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresentará o resultado da pesquisa de caráter bibliográfico sobre os procedimentos narrativos dos contos do escritor angolano João Melo. Para fins de análise, utilizou-se especificamente o conto “Shakespeare ataca de novo”, do livro *Filhos da pátria* (2001).

O referencial teórico é constituído de textos dos seguintes autores: Inocência Mata (2006), Pires Laranjeira (2003), Salete de Almeida Cara (2006). *Filhos da Pátria* reúne “dez contos de impiedosa crítica aos comportamentos e atitudes mentais, sociais, políticas e econômicas dos *mais favorecidos* (...) e de piedosa comiseração pelos *menos favorecidos* (...)” (LARANJEIRA, 2003, p. 522).

A recepção brasileira reconhece *Filhos da pátria* como “Um livro de contos que obriga a revisitação da história literária daquele país e convida a um passo adiante nas discussões acerca de sua produção literária” (SANTOS, s/d, p. 1).

2. METODOLOGIA

O conto “Shakespeare ataca de novo” foi analisado com base na leitura de teóricos sobre as Literaturas Africanas, especificamente, a Literatura Angolana (cf. Referências Bibliográficas). A abordagem do texto de João Melo considera a possível tensão entre a textualidade cultural e a discursividade estética. A partir disso, a referida confluência possibilita o entendimento

das práticas sociais e estruturas históricas pelo questionamento do discurso da literatura, para além do específico da territorialidade da literariedade que, como se sabe, não é um valor totalmente intrínseco ao texto, dependendo, também, tanto do lugar da enunciação quanto do contexto de recepção, isto é, do lugar da comunidade receptora e interpretativa – sendo que ler, concordarão todos, é uma prática social (MATA, 2006, p. 296).

A organização formal do conto de João Melo adota, além do uso de outros recursos da linguagem, a oralidade que caracteriza as narrativas africanas para comentar aspectos culturais dos angolanos, mas que acaba por discutir a si própria (organização formal) nesses mesmos aspectos.

A conclusão aparente é a de que o conto trata da heterogeneidade da composição étnica e dos conflitos causados pelo agrupamento de diversas tribos para formar uma nação. Essa formação da sociedade pautada pela diversidade de costumes também é, dialogicamente, a composição de um panorama do gênero ficcional: cada tribo tem suas próprias lendas, mitos e ditados, embora todos tenham origem semelhante e necessitem do universal que os organizem e os façam dialogar entre si.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa “Shakespeare ataca de novo” narra o amor entre Luvualu Francisco Helena e Inês Faria, com uma clara referência a “Romeu e Julieta”, de William Shakespeare. Porém, entre as duas narrativas, há uma diferença de motivos: se os jovens da tragédia eram de famílias inimigas, o casal africano era formado por personagens de grupos étnicos rivais. O narrador acaba por deixar de lado a própria história para se ater às contextualizações e o diálogo com o leitor com seus comentários que deixam escapar algum juízo de valor acerca dos costumes e da historiografia angolana.

O narrador de “Shakespeare ataca de novo” passa grande parte da narrativa comentando e inferindo sobre os mais diversos aspectos relacionados indiretamente com a história a que se propõe contar. Destaca-se nele o “escancaramento do procedimento narrativo” (CARA, op. cit., p. 158), a começar pelo “esvaziamento fabular” (CARA, op. cit., p. 156), ou seja, o lugar secundário a que é relegada a intriga. Emerge, neste quadro, o papel do narrador, jogando com os formatos social e ficcional, senhor que é de um “baú de truques” narrativos.

O destaque do narrador onisciente intruso (no caso do angolano é aparentemente onisciente) é a deliberada liberdade acionada com o objetivo de apropriar-se de uma história comum (o amor impossível da intertextualidade com Shakespeare) para tratar de aspectos culturais de uma sociedade, refletir sobre o pensamento de determinado grupo e, principalmente para este estudo, discutir o próprio fazer literário.

O dilema da escolha formal (a decisão sobre o ato narrativo e o consequente posicionamento do narrador no texto) está em simetria, acreditamos, com todas as demais questões postas em cena no quadro da pós-colonialidade: diferença, identidade, hibridismo, interculturalidade, alteridade e nacionalidade.

4. CONCLUSÕES

O texto de João Melo joga, na vertente do realismo, com a autoridade do narrador e com a redução da importância da personagem. Ao problematizar criativamente o ato narrativo, João Melo inclui este tópico no rol das questões sociais, culturais e políticas que afetam a situação histórica atual de Angola, e

indaga sobre a função da literatura em países que saíram da situação colonial recentemente e precisam conviver com a herança colonial e os avanços do capitalismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARA, Salete de Almeida. “Modos de ler o mundo, modos de ler ficção: o autor como crítico”. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tânia. (Orgs.). **Marcas da diferença: literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

LARANJEIRA, Pires. “Melo, Aníbal João da Silva”. IN: COELHO, Jacinto do Prado (Direção). **Dicionário de Literatura – Portuguesa, Brasileira, Galega, Africana, Estilística Literária**. Lisboa: Figueirinhas, 2003.

MATA, Inocência. “O crítico como escritor: limites e beligerâncias”. In: CHAVES, Rita e MACÊDO, Tânia. (Orgs.). **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

MELO, João. **Filhos da pátria**. Luanda: Nzila, 2001.

SANTOS, Emanuelle Rodrigues dos. “Uma leitura de Angola para além da identidade nacional”. In: **Revista Eletrônica Darandina**, Programa de Pós-Graduação em Letras / UFJF. Vol. 02, nº 01, s/d. Acessado em 23 jun. 2014. Online. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/resenha02.pdf>